



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

JULHO DE 2017

1



DESTAQUES ESTATÍSTICOS #7 Observatório das Migrações

O Observatório das Migrações (OM) tem dedicado este mês de julho de 2017 ao **tema da Imigração e Demografia** para assinalar o *Dia Mundial da População*, celebrado a 11 de julho. Neste destaque estatístico analisamos brevemente dados disponíveis que permitem realçar alguns dos contributos da imigração para atenuar o envelhecimento demográfico que se verifica em Portugal, embora enquadrando esses contributos nos atuais saldos migratórios e saldos naturais negativos. Analisam-se ainda, de forma comparada para a população estrangeira residente em Portugal e para os portugueses, alguns dos principais indicadores demográficos para a natalidade, a mortalidade e a nupcialidade.

Acompanhe estes e outros dados disseminados pelo OM em [Posts Sabia que... no facebook](#) e nos [Posters Estatístico OM](#). Subscriba os *Destaques Estatísticos OM* através do email om@acm.gov.pt e acompanhe-nos em www.om.acm.gov.pt.

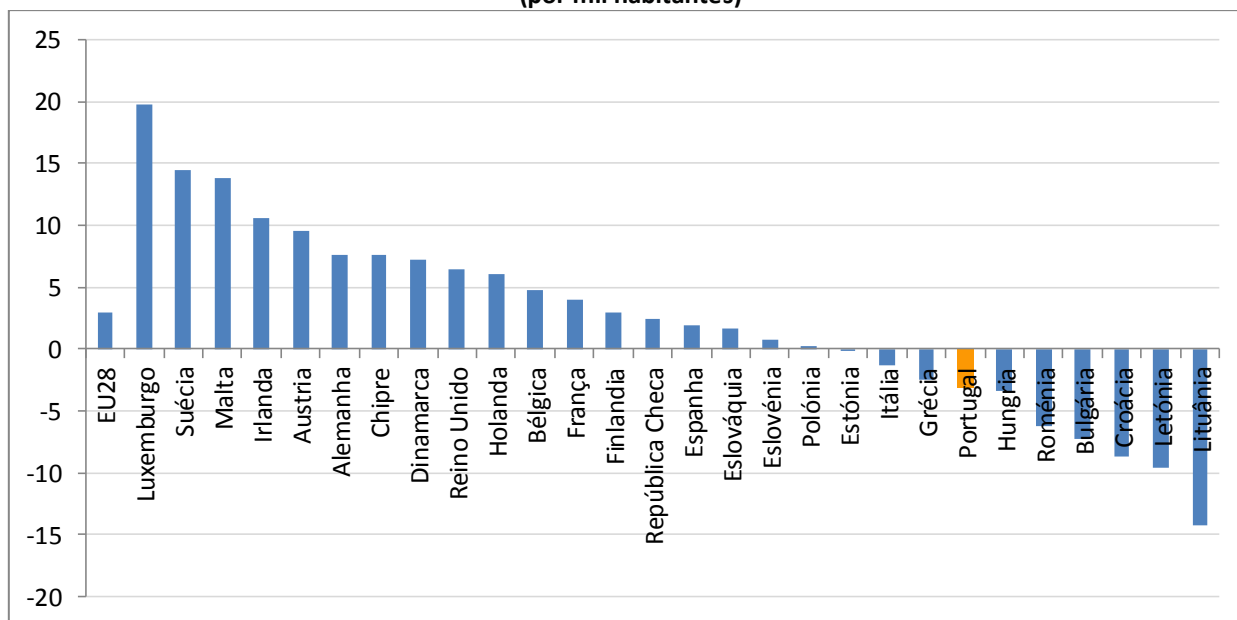


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que em 2016, Portugal foi o 7º país da União Europeia (UE) que mais diminuiu a sua população, registando simultaneamente a segunda taxa de natalidade mais baixa da UE ?

O gabinete de estatísticas da União Europeia EUROSTAT divulgou no passado dia 10 de julho uma nota de imprensa onde dá conta das estimativas da população na União Europeia (UE) para o corrente ano de 2017. Segundo este documento, a população da UE a 1 de janeiro de 2017 seria de 511.8 milhões, em comparação com os 510.3 milhões estimados para 1 de janeiro de 2016. Durante o ano de 2016, registaram-se tantos nascimentos quanto óbitos na UE (5,1 milhões), pelo que **o acréscimo de 1,5 milhões de habitantes se deveu essencialmente às migrações**. O maior aumento relativo de população foi registado no Luxemburgo, Suécia, Malta e Irlanda. Em contraste, Portugal ficou entre os países que mais viram a sua população decrescer (-3,1 pessoas por 1000 habitantes, valor estimado para 2016), registando-se os valores mais baixos na Lituânia, Letónia e Croácia. Resulta que **Portugal registou uma redução de 31.757 residentes, a sétima diminuição mais significativa entre os 28 países da União Europeia**.

Taxa de variação da população dos Estados-membros da União Europeia, em 2016 (por mil habitantes)



Fonte: [Eurostat Newsrelease](#) (elaboração pela Equipa do OM)

Os 5,1 milhões de nascimentos na União Europeia representaram um aumento de 11.000 nascimentos relativamente a 2015, com a taxa bruta de natalidade a alcançar valores mais elevados na Irlanda, Suécia, Reino Unido e França, e mais baixos nos países do Sul da Europa, nomeadamente Itália, Portugal, Grécia e Espanha. **Portugal registou a segunda taxa de natalidade mais baixa da UE, assumindo 87.100 nascimentos em 2016.**

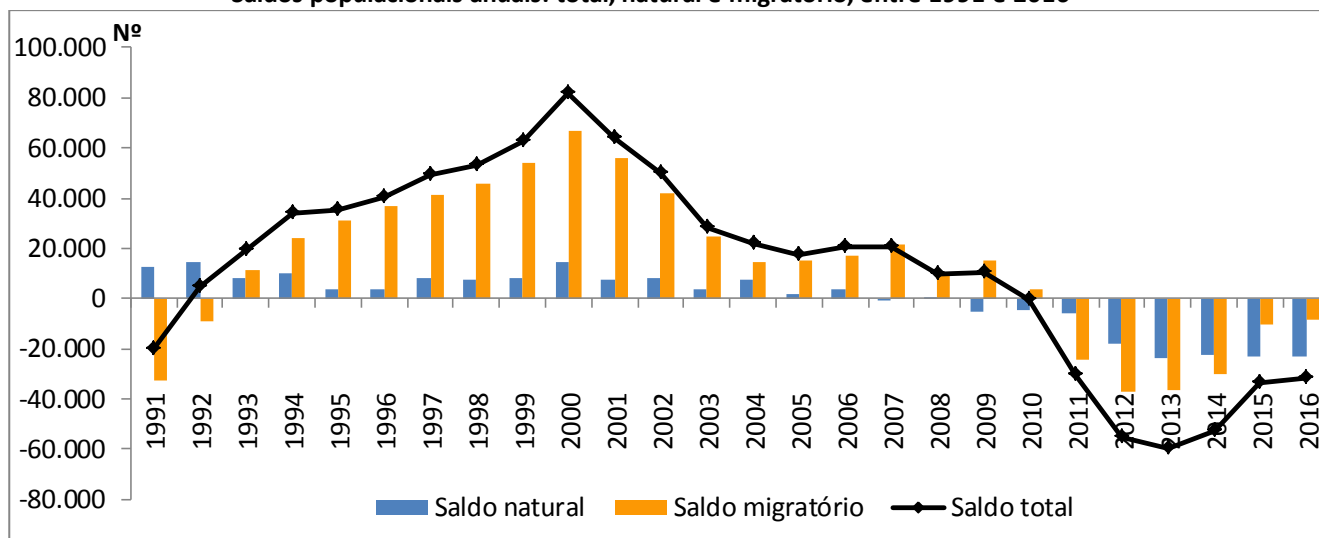


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que Portugal mostra uma diminuição efetiva da população residente desde 2011 por acumular saldos naturais e saldos migratórios negativos?

Segundo o destaque estatístico divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) no passado mês de junho de 2017, a população residente em Portugal no final de 2016 foi estimada em 10.309.573 pessoas (menos 31.757 do que em 2015). Este resultado refletiu uma taxa de variação negativa de -0,31%, reflexo da conjugação de saldos natural e migratório negativos. De acordo com o INE, em 2016 registou-se um novo aumento do número de nascimentos em Portugal (para 87.126 nados-vivos), embora esse aumento tenha sido insuficiente para compensar o número de óbitos (110.535), mantendo-se o saldo natural negativo (-23.409 em 2016, comparado a -23.011 em 2015).

Saldos populacionais anuais: total, natural e migratório, entre 1991 e 2016



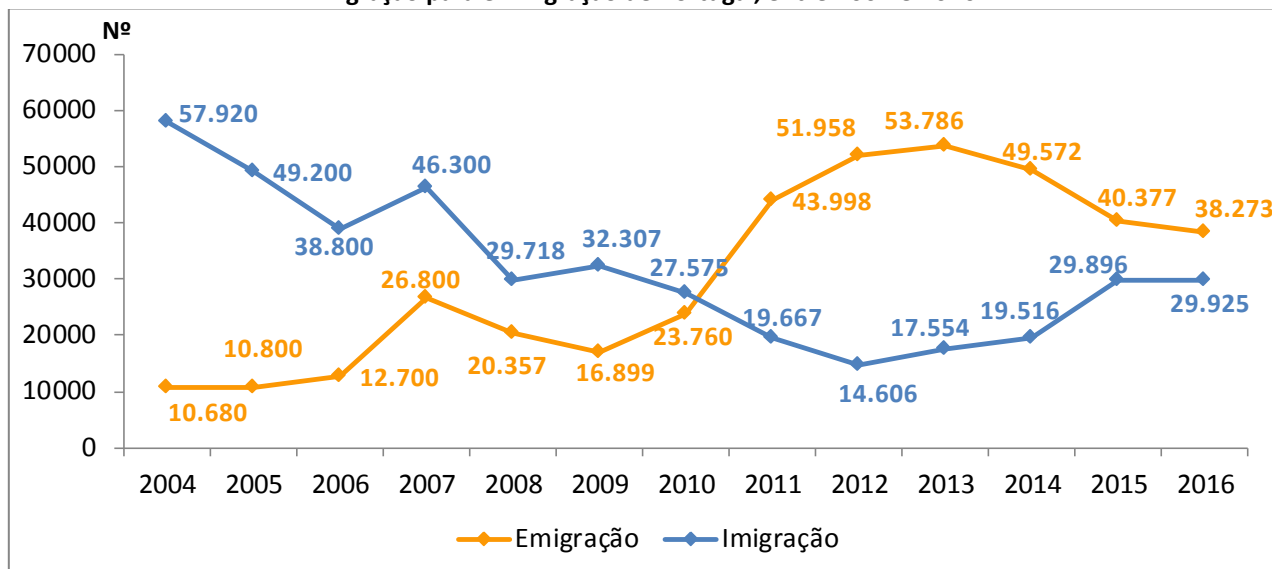
Fonte: INE, Estatísticas de nados-vivos, óbitos e Estimativas anuais da População Residente (atualização de [Oliveira e Gomes: 2016: 19](#)).

Quanto ao saldo migratório, em 2016 manteve-se a tendência negativa verificada desde 2011, ou seja, em 2016 continuaram a sair mais pessoas do país (emigração) que a entrar (imigração). Em 2016 registaram-se 38.273 emigrantes permanentes e 29.925 imigrantes permanentes. Recorde-se que a mudança no sentido dos saldos migratórios dos últimos anos foi provocada pela crise económica e financeira que afetou o país, tendo induzido a um efeito conjugado do abrandamento dos fluxos de entrada no país e do incremento dos fluxos de saída. Ainda assim, a partir de 2014 começam a observar-se melhorias face aos três anos anteriores (vd. [Oliveira e Gomes, 2016: 18](#)). Em 2016, por comparação ao ano de 2015, verificou-se um aumento nas entradas de pessoas e uma diminuição nas saídas de pessoas de Portugal, gerando ainda assim um saldo migratório negativo (-8.348), uma vez que os valores da emigração se mantiveram superiores aos da imigração. O saldo migratório de 2016 é, no entanto, menos negativo do que o verificado em 2015 (-10.481), tendência de recuperação que vem desde 2013, assumindo-se 2012 como o ano em que desde o início do século o país atingiu o valor mais negativo no saldo migratório (-37.352).



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Imigração para e Emigração de Portugal, entre 2004 e 2016



Fonte: INE, Estimativas Anuais de Imigração e Estimativas Anuais de Emigração (atualização de [Oliveira e Gomes: 2016: 18](#)).

A recuperação das entradas de imigrantes desde 2013 (+105% entre 2012 e 2016), acompanhada no ano de 2016 com uma diminuição das saídas (taxa de variação entre 2013 e 2016 de -29%), parece induzir a que os saldos migratórios negativos dos últimos anos sejam uma situação conjuntural da qual o país está a recuperar, esperando-se que o país volte aos saldos migratórios positivos. Algumas projeções da população residente promovidas pelo INE (2014), trabalhadas a partir de três hipóteses para Portugal, entre 2012 e 2060, dão como hipótese otimista a recuperação dos saldos migratórios internacionais anuais para valores positivos a partir de 2020 e até ao fim da projeção (2060), embora na hipótese pessimista se projete a possibilidade da manutenção dos saldos migratórios internacionais anuais em valores negativos para todo o período da projeção. Na hipótese intermédia consideram-se saldos migratórios nulos. Com projeções tornadas factos ou não, o certo é que o sentido que os fluxos migratórios assumirem no futuro irá determinar o efeito que a imigração poderá assumir no atenuar do envelhecimento demográfico de Portugal, pois também são factos que a fecundidade portuguesa irá manter-se em níveis inferiores ao da substituição das gerações e a longevidade da população portuguesa continuará a aumentar ([Oliveira e Gomes, 2016: 19](#)).

Para mais detalhes acerca destes dados consultar a [Coleção Imigração em Números](#) deste Observatório, nomeadamente o [Relatório Estatístico Decenal de 2014](#) (Oliveira e Gomes, 2014), cap.1, pp.29-30 e o cap.3, pp.51-62, bem como o [Relatório Estatístico Anual de 2016](#) (Oliveira e Gomes, 2016), cap. 1, pp. 33-46. Ainda relativamente a estes dados consultar também, no separador Estatísticas e Sensibilização, os [Posters Estatísticos](#) e, na área Compilações Estatísticas do sítio do OM, consultar dados estatísticos acerca dos [Indicadores Demográficos](#).

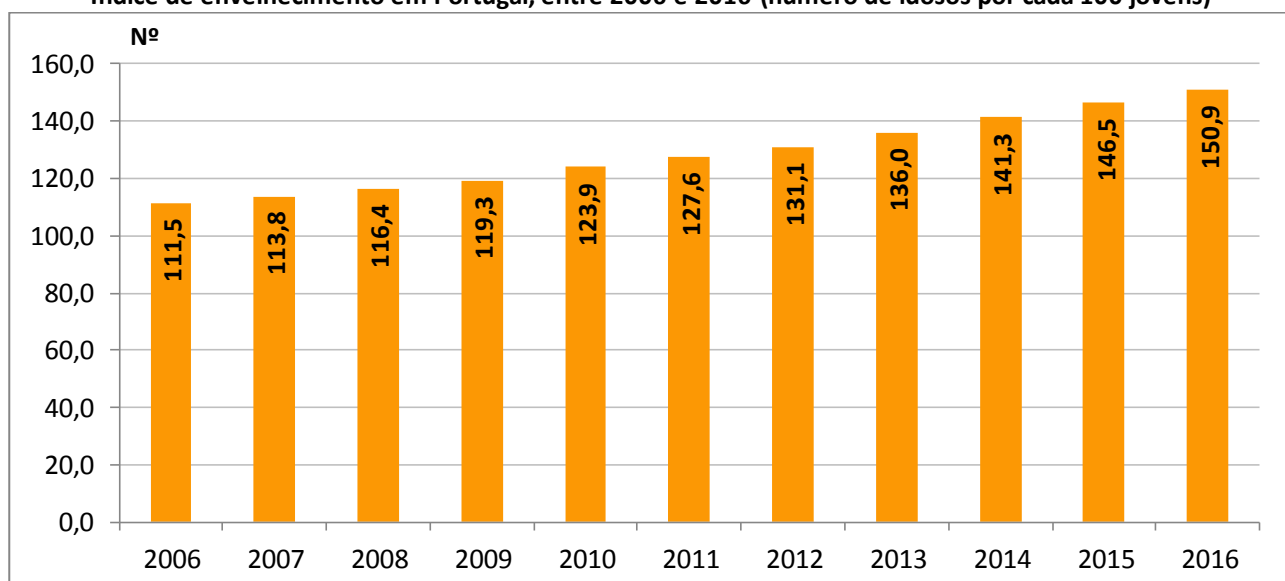


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que a imigração tem permitido contrabalançar os efeitos do envelhecimento demográfico português?

Nos últimos anos, o Índice de Envelhecimento registado em Portugal tem vindo a agravar-se de forma constante. Em 2006 por cada 100 jovens residiam em Portugal 112 idosos, valor que aumentou para 151 em 2016 e, segundo projeções do INE, estima-se que em 2060 este número venha a atingir valores ainda mais elevados, passando a residir em Portugal 307 idosos por cada 100 jovens. De notar que desde o ano 2000 que o número de idosos ultrapassou o número de jovens em Portugal.

Índice de envelhecimento em Portugal, entre 2006 e 2016 (número de idosos por cada 100 jovens)



Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente (elaboração pela equipa do OM)

Devem considerar-se **três causas fundamentais para o envelhecimento demográfico verificado em Portugal**. Por um lado a **retração do número de filhos**, com efeitos evidentes na perda de importância relativa dos primeiros grupos etários. Por outro lado, a **diminuição da mortalidade** ou o controlo da mortalidade precoce tem induzido ao aumento da esperança média de vida, conduzindo a um maior número de indivíduos com idades mais avançadas. Finalmente, uma terceira causa (mais indireta) que diz respeito aos fluxos migratórios – a **saída de população, especialmente de determinados grupos etários** (e.g. em idade ativa e em idade fértil), **não compensada pela entrada de imigrantes**, conduz a um aumento da importância relativa de população envelhecida no país, induzindo ainda a uma diminuição dos nascimentos. É no contexto destas três causas do envelhecimento demográfico que se analisa o papel da imigração para Portugal ([Oliveira e Gomes, 2016: 19](#)).

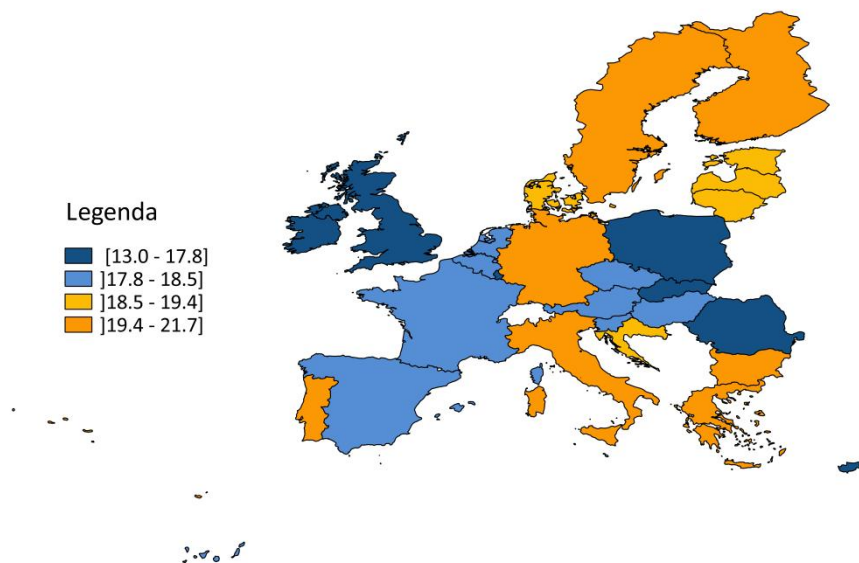
O reforço do envelhecimento demográfico, uma tendência transversal ao conjunto dos países da União Europeia, acarreta importantes consequências ao nível do crescimento populacional dos diversos Estados-membros. O envelhecimento populacional tem sido estudado como uma das mais importantes (e preocupantes) tendências demográficas do século XXI, sendo que os dados apontam Portugal como o



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

quarto país da UE28 com maior proporção de idosos (pessoas com mais de 65 anos). A proporção de idosos (apurada pelo Eurostat) para Portugal no ano de 2015 (20,3%) era apenas ultrapassada por três países europeus: Itália (21,7%), Alemanha (21,0%) e Grécia (20,9%). O caso português é ainda mais surpreendente no contexto europeu não apenas por estar entre os países mais envelhecidos (embora os demais Estados-membros também estejam a envelhecer), mas muito especialmente pela rapidez com que esse processo se manifestou no país, uma vez que de um dos países com estrutura populacional mais jovem da União Europeia (ainda em 1980 a proporção de idosos era de apenas 11,2%), Portugal rapidamente passou a ser dos países mais envelhecidos e com um aumento substancial de idosos mais velhos com mais de oitenta anos ([Oliveira e Gomes, 2016: 20](#)).

Percentagem da população com 65 e mais anos de idade em 2015



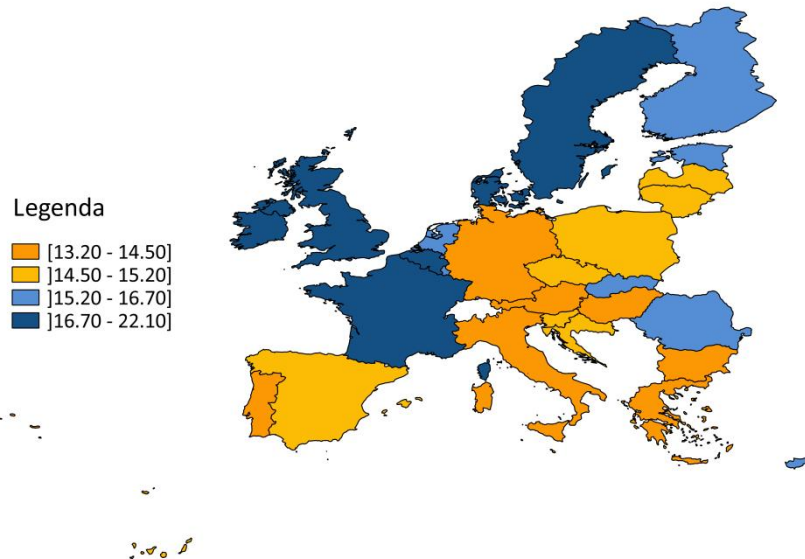
Fonte: EUROSTAT. Sistematização e tratamento gráfico da Equipa do OM.

Por outro lado, Portugal está entre os países do contexto europeu com menor percentagem da população com menos de 15 anos de idade, o que inclui o país entre os Estados com maior rácio de pessoas idosas.



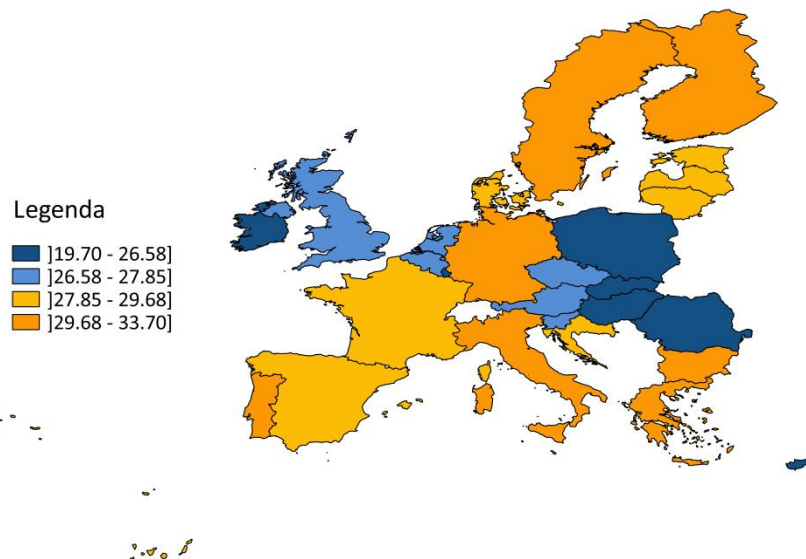
www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Percentagem da população com menos de 15 anos de idade em 2015



Fonte: EUROSTAT. Sistematização e tratamento gráfico da Equipa do OM.

Rácio de dependência das pessoas idosas em 2015



Fonte: EUROSTAT. Sistematização e tratamento gráfico da Equipa do OM.

Para compreender os contributos que a imigração assume na demografia do país, face a este quadro de envelhecimento demográfico, importa considerar dados de diferentes naturezas. Por um lado, os Censos de

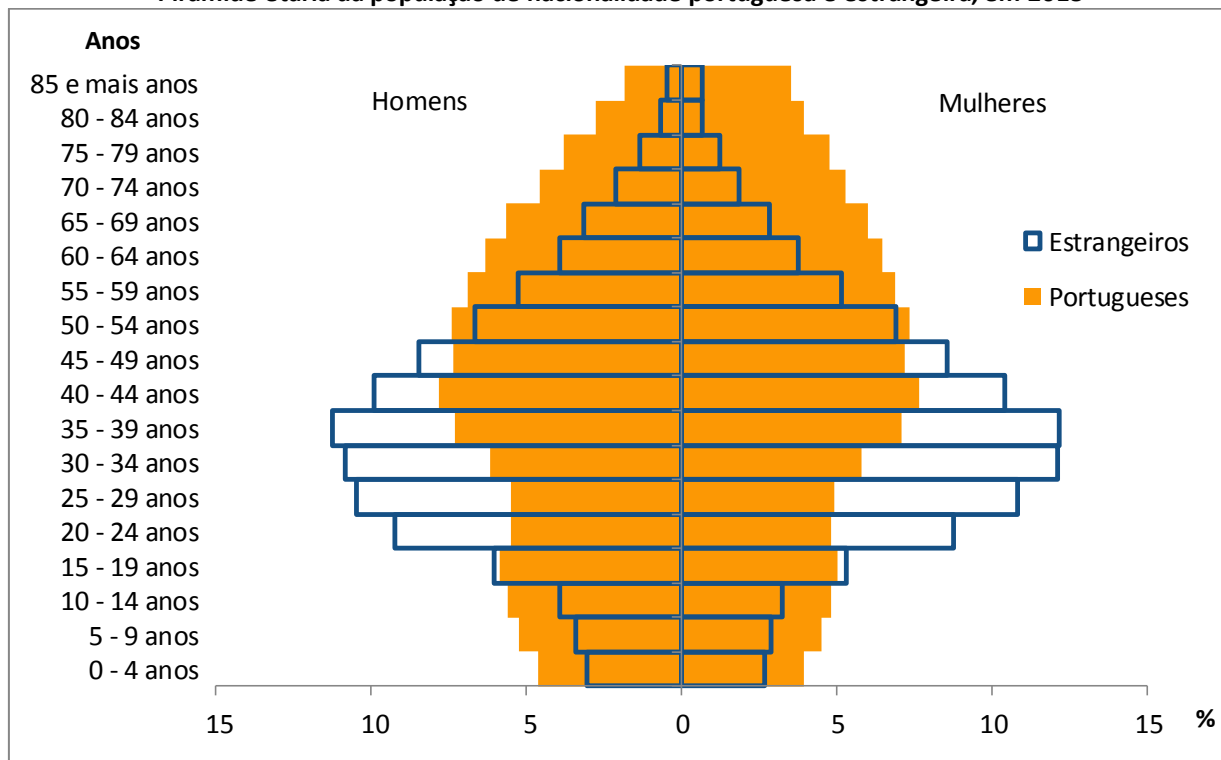


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

2011 vieram reafirmar o contributo positivo da população estrangeira na demografia portuguesa: entre o Censo de 2001 e o Censo de 2011 a população residente em Portugal cresceu 2% (206.061 indivíduos), sendo esse aumento explicado em 91% pelo saldo migratório do país (até 2010 Portugal teve um fluxo de imigração superior ao fluxo de emigração) – vd. [Oliveira e Gomes, 2014](#).

A entrada de imigrantes permite ao país reforçar os grupos etários mais jovens e em idade ativa, atenuando o envelhecimento demográfico. A comparação da pirâmide etária dos estrangeiros com a pirâmide etária dos portugueses permite mostrar que a população de nacionalidade estrangeira é tendencialmente mais jovem que a população de nacionalidade portuguesa. A estrutura demográfica da população estrangeira contrasta significativamente com a estrutura da população portuguesa ([Oliveira e Gomes, 2016: 22](#)): desde logo, os estrangeiros mostram uma grande concentração nas idades ativas, entre os 20-49 anos (61,5%), o que não se verifica na população de nacionalidade portuguesa que regista percentagens mais baixas no mesmo intervalo de idades (38,5%); por outro lado, apenas 7,5% dos estrangeiros tem 65 ou mais anos, enquanto os cidadãos de nacionalidade portuguesa atingem os 21,2% no mesmo intervalo de idades.

Pirâmide etária da população de nacionalidade portuguesa e estrangeira, em 2015



Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente (atualização de [Oliveira e Gomes, 2016: 22](#))

Observa-se, portanto, que enquanto os portugueses estão em progressivo agravamento do envelhecimento demográfico tanto pela base como pelo topo da pirâmide de idades, resultante da diminuição da população jovem (com menos de 15 anos) e do aumento da proporção da população idosa

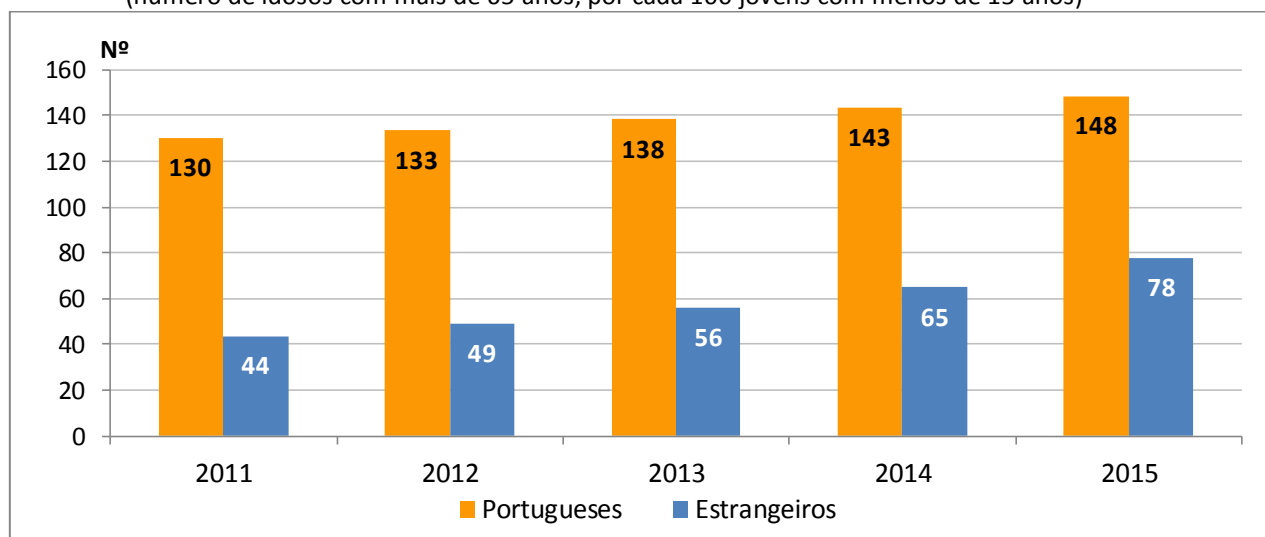


www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

(65 e mais anos); a população estrangeira residente em Portugal continua a apresentar uma maior proporção da população em idade ativa e em idade fértil, em particular nos grupos etários entre os 15 e os 49 anos ([Oliveira e Gomes, 2016: 22](#)).

O mesmo se conclui com a comparação dos **índices de Envelhecimento** para os portugueses residentes e para os estrangeiros residentes em Portugal: enquanto no caso dos portugueses se registaram 130 idosos por cada 100 jovens em 2011, passando para 148 idosos por cada 100 jovens em 2015 (portanto sempre mais idosos que jovens e com tendência a aumentarem); no caso dos estrangeiros há nos anos em análise sempre menos idosos que jovens – em 2011 havia 44 idosos em cada 100 jovens e em 2015 eram 78 idosos por cada 100 jovens (-71 que a tendência verificada para os portugueses).

Índice de Envelhecimento, para portugueses e estrangeiras, entre 2011 e 2015
(número de idosos com mais de 65 anos, por cada 100 jovens com menos de 15 anos)



Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente (atualização de [Oliveira e Gomes, 2016: 21](#))

O Índice de Envelhecimento da população estrangeira residente em Portugal mostra valores apenas comparáveis com a realidade portuguesa do início da década de 1990, quando o índice de envelhecimento da população total residente em Portugal se situava nos cerca de 75 idosos por cada 100 jovens. Deste modo, é evidente que os imigrantes assumem um papel crucial no atenuar dos efeitos do envelhecimento demográfico da população portuguesa.

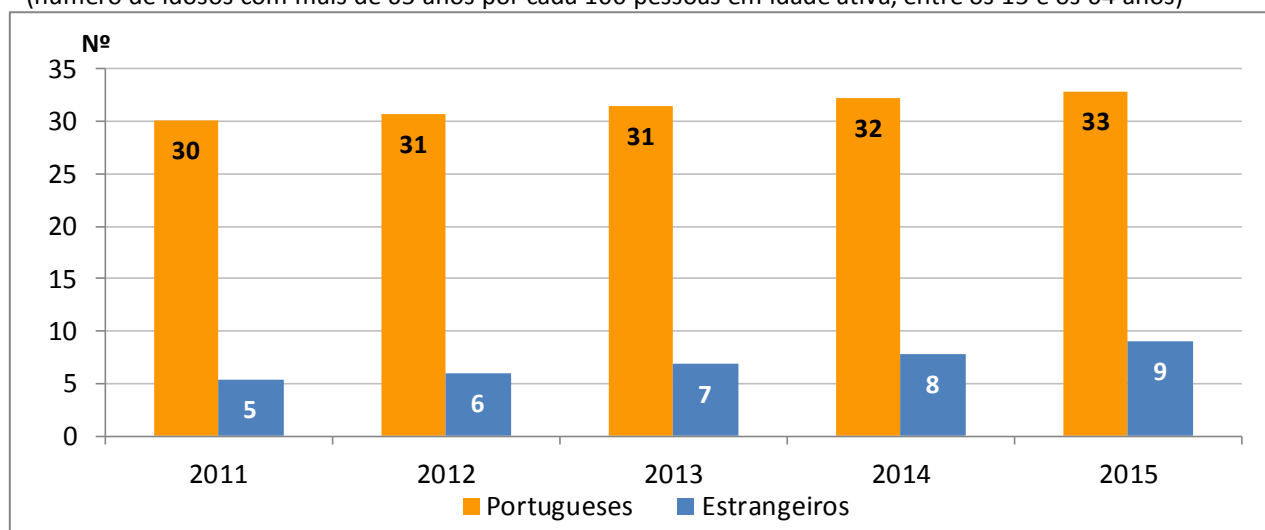
Acresce que, no caso português, também o **Índice de Dependência de Idosos** tem vindo a aumentar progressivamente nas últimas décadas, passando de 16 idosos por cada 100 pessoas em idade ativa em 1970 para 32 em 2015. Uma vez mais apurando de forma desagregada este índice para os residentes portugueses e residentes estrangeiros no país verificam-se consideráveis contrastes: no caso dos portugueses há um agravamento na dependência de idosos, aumentando o número de idosos por cada 100 pessoas em idade ativa (+3 em 2015 que em 2011, de 30 para 33 idosos por 100 pessoas em idade ativa). Em 2015 os portugueses apresentam, por comparação aos estrangeiros residentes, +24 idosos por cada



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

100 pessoas em idade ativa. Verifica-se que no caso dos estrangeiros tem vindo a aumentar os valores assumidos no índice, mas sempre com valores muito longe do verificado para os portugueses, mesmo quando comparados com os valores do país na década de 1970 – em 2015 registavam-se apenas 9 idosos estrangeiros por cada 100 pessoas em idade ativa de nacionalidade estrangeira -, o que confirma que a imigração para Portugal é essencialmente de motivação económica, permanecendo no país fundamentalmente em idade ativa.

Índice de Dependência de Idosos, para portugueses e estrangeiros, entre 2011 e 2015
(número de idosos com mais de 65 anos por cada 100 pessoas em idade ativa, entre os 15 e os 64 anos)



Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente (atualização de [Oliveira e Gomes, 2016: 21](#))

Reconhecendo as fragilidades da situação demográfica de Portugal, importa destacar o papel que a imigração pode assumir no atenuar da situação com contributos relevantes para o desenho da pirâmide de idades do país, para o reforço da população ativa e contributiva do país e na sua repartição por sexo.

Para mais detalhes acerca destes dados consultar a [Coleção Imigração em Números](#) deste Observatório, nomeadamente o [Relatório Estatístico Decenal de 2014](#) (Oliveira e Gomes, 2014), cap.1, pp.29-30 e o cap.3, pp.51-62, bem como o [Relatório Estatístico Anual de 2016](#) (Oliveira e Gomes, 2016), cap. 1, pp. 33-46. Ainda relativamente a estes dados consultar também, no separador Estatísticas e Sensibilização, os [Posters Estatísticos](#).
Também na área Compilações Estatísticas do sítio do OM consultar dados estatísticos acerca dos [Indicadores Demográficos](#).



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que os estrangeiros em Portugal têm sido responsáveis pelo incremento dos nascimentos, atenuando o saldo natural negativo do país?

11

Nos últimos anos, Portugal tem registado uma quebra no **número de nados-vivos**, verificando-se em 2015, segundo dados das Estatísticas Demográficas do INE, menos 11.356 nascimentos que no ano 2011. Importa, contudo, realçar que em 2015 registaram-se 85.500 nados-vivos, um aumento de 3.133 nados-vivos face a 2014 (+3,8%), o que já não se verificava desde 2010. Em 2015, do total de nascimentos ocorridos em Portugal, 8,4% eram filhos de mãe estrangeira, verificando-se uma perda do peso relativo dos nascimentos de mães estrangeiras em 2 pontos percentuais face a 2011.

Nados-vivos segundo a nacionalidade da mãe, entre 2011 e 2015

Ano	Total de nados-vivos (N)	Nacionalidade da Mãe			
		Portuguesa		Estrangeira	
		N	%	N	%
2011	96.856	86.853	89,7	10.003	10,3
2012	89.841	81.080	90,2	8.761	9,8
2013	82.787	75.382	91,1	7.405	8,9
2014	82.367	75.147	91,2	7.200	8,7
2015	85.500	78.336	91,6	7.164	8,4
Varição (%) 2011-2015	-11,7	-9,8		-28,4	

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas (atualização de [Oliveira e Gomes, 2016: 40](#)).

Nota: Não se consideram os nados-vivos em que as mães são apátridas ou têm nacionalidade ignorada.

Os nados-vivos de mães com nacionalidade estrangeira e residência em Portugal mais do que duplicaram a sua proporção no total dos nascimentos verificados no país entre 2001 e 2010, atingindo o seu valor máximo nesse último ano em que representaram 10,6% do total de nascimentos. Desde então os nados-vivos de mães de nacionalidade estrangeira têm perdido importância relativa, justificando-se a descida nos nascimentos de mães estrangeiras com o próprio decréscimo da população estrangeira residente em Portugal e a diminuição das entradas de população estrangeira, nomeadamente em idade fértil, devendo ser também reconhecido que os imigrantes tendem a adotar os padrões de fecundidade das sociedades de acolhimento, e eles próprios envelhecem ([Oliveira e Gomes, 2016: 40-41](#)). Nos últimos anos o declínio da natalidade de mães estrangeiras (-28,4%) foi mesmo superior ao observado nas mães portuguesas (-9,8%).

Contudo, deve considerar-se que, não obstante essa descida do peso relativo de nados-vivos de mãe estrangeira, a percentagem registada em 2015 (8,4% do total de nascimentos) continua a ser particularmente elevada atendendo a que a população estrangeira apenas representava nesse mesmo ano 3,8% do total da população residente em Portugal. Assim, este valor continua a evidenciar o observado nas últimas décadas de uma maior fecundidade entre os estrangeiros por comparação aos portugueses, continuando os estrangeiros a contribuir para demografia portuguesa ([Oliveira e Gomes, 2016: 41](#)).

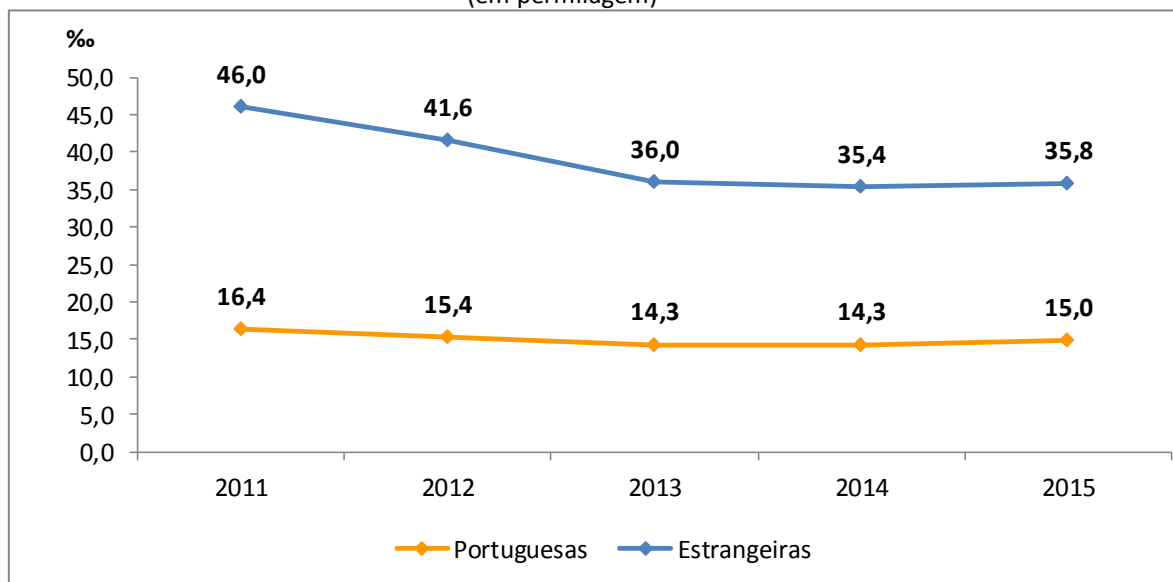
Com efeito, quando se comparam as **taxas brutas de natalidade feminina e masculina** das populações de nacionalidade portuguesa e estrangeira, conclui-se que essas taxas são bastante mais elevadas no caso da



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

população estrangeira. O facto da população estrangeira apresentar valores mais elevados nas taxas de natalidade está também associado à estrutura etária desta população, que se mostra mais favorável à ocorrência de nascimentos – ou seja, a população estrangeira apresenta maior concentração de efetivos em idade fértil (15-49 anos). As mulheres de nacionalidade estrangeira obtêm taxas superiores às taxas obtidas junto das mulheres portuguesas, confirmando-se a maior fecundidade das estrangeiras por comparação às nacionais e, assim, os seus efeitos positivos para o reforço do grupo etário mais jovem da pirâmide demográfica. Em 2015 por cada 1000 mulheres verificou-se mais do dobro da prevalência de nascimentos nas mulheres estrangeiras (36 nascimentos por cada 1000 mulheres) por comparação ao verificado nas mulheres de nacionalidade portuguesa (15 nascimentos por cada 1000 mulheres). O mesmo sucede com a taxa bruta de natalidade masculina, onde se verifica que os homens de nacionalidade estrangeira apresentam igualmente taxas muito superiores às taxas observadas junto dos homens portugueses: em 2015 também se verificou o dobro da prevalência de nascimentos nos homens estrangeiros (32 nascimentos por cada 1000 homens), por comparação ao verificado nos homens portugueses (17 nascimentos por cada 1000 homens).

Taxa bruta de natalidade feminina*, segundo a nacionalidade, entre 2011 e 2015
(em permilagem)



Fonte: INE, Estatísticas Demográficas e Estimativas Anuais da População Residente (atualização de [Oliveira e Gomes, 2016: 42](#)).// Nota: *Número de nados-vivos por cada 1000 mulheres residentes.

Os resultados da **taxa geral de fecundidade feminina** reforçam ainda mais o diferencial nestas proporções para os estrangeiros por comparação aos portugueses. Esta taxa procura isolar o efeito da estrutura etária e mostra que em cada 1000 mulheres de nacionalidade estrangeira com idades entre os 15 e os 49 anos há 53 nascimentos, valor bastante superior ao verificado nas mulheres portuguesas que se ficam pelos 35 nascimentos em 2015. A taxa geral de fecundidade feminina torna, portanto, evidente a efetiva maior propensão para a ocorrência de nascimentos na população estrangeira. Na população portuguesa a queda da fecundidade tem vindo a repercutir-se nos efetivos populacionais jovens com menos de quinze anos,



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

recuando a sua importância relativa na população total, o que por sua vez a médio prazo também se repercute no volume de mulheres com idade fértil para gerar mais nascimentos comprometendo-se, assim, um ciclo de diminuição do volume de nascimentos da população portuguesa (Oliveira e Gomes, 2016: 40-41).

Taxas de natalidade e de fecundidade das populações de nacionalidade portuguesa e estrangeira, em 2014 e 2015
(em permilagem)

	2014		2015	
	Portuguesa	Estrangeira	Portuguesa	Estrangeira
Taxa Bruta de Natalidade Masculina %*	15,8	30,9	16,5	32,3
Taxa Bruta de Natalidade Feminina %**	14,3	35,4	15,0	35,8
Taxa de Fecundidade Geral Feminina %***	33,4	51,0	35,2	52,6

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas e Estimativas Anuais da População Residente (atualização de Oliveira e Gomes, 2016: 42).

Notas: Não se consideram os nados-vivos cujos progenitores são apátridas ou têm nacionalidade ignorada.

*Número de nados-vivos por cada 1000 homens residentes no ano de referência.

**Número de nados-vivos por cada 1000 mulheres residentes no ano de referência.

***Número de nados-vivos por cada 1000 mulheres residentes com 15-49 anos no ano de referência.

Para mais detalhes acerca destes dados consultar a [Coleção Imigração em Números](#) deste Observatório, nomeadamente o [Relatório Estatístico Decenal de 2014](#) (Oliveira e Gomes, 2014), cap.1, pp.29-30 e o cap.3, pp.51-62, bem como o [Relatório Estatístico Anual de 2016](#) (Oliveira e Gomes, 2016), cap. 1, pp. 33-46. Ainda relativamente a estes dados consultar também, no separador Estatísticas e Sensibilização, os [Posters Estatísticos](#). Também na área Compilações Estatísticas do sítio do OM consultar dados estatísticos acerca dos [Indicadores Demográficos](#).



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que os estrangeiros apresentam taxas brutas de mortalidade mais baixas que os portugueses, atendendo à sua estrutura etária menos envelhecida?

Texto adaptado do subcapítulo 1.6. de Oliveira e Gomes (2016), [Relatório Estatístico Anual 2016](#), Coleção Imigração em Números do Observatório das Migrações.

Entre 2011 e 2013 a quase totalidade dos óbitos de residentes em Portugal foram de indivíduos de nacionalidade portuguesa, verificando-se que os óbitos de indivíduos de nacionalidade estrangeira apenas representavam 1,3% no total de óbitos em 2013. A evolução dos óbitos nos últimos três anos revela padrões diferentes na população de nacionalidade portuguesa face à população de nacionalidade estrangeira. Entre 2011 e 2013 verificam-se um aumento de 3,7% de óbitos na população portuguesa. Regista-se a tendência inversa para os indivíduos de nacionalidade estrangeira que entre 2011 e 2013 diminuíram o número de óbitos em 4,1%. Para esta tendência muito contribui a própria diminuição da população estrangeira residente em Portugal nos últimos anos.

Óbitos de residentes em Portugal, segundo a nacionalidade, entre 2011 e 2013

Ano	Total	Portugueses	Estrangeiros		União Europeia (28)*		PALOP	
	N	N	N	%	N	% estrangeiros	N	% estrangeiros
2011	102.848	101.447	1.401	1,4	520	37,0	458	32,7
2012	107.612	106.304	1.308	1,2	541	40,7	423	32,3
2013	106.543	105.200	1.343	1,3	464	34,5	463	34,5
Taxa de Variação 2011-13	+3,6	+3,7	-4,1		-10,8		+1,1	

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas (cálculos e elaboração de [Oliveira e Gomes, 2016: 43](#)).

Notas: * Para efeitos de comparabilidade ao longo do período temporal analisado (2010-2013), consideraram-se os 28 países que compunham a União Europeia no último ano estudado.

Os cidadãos oriundos da União Europeia e dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) são aqueles que mais contribuem para o total de óbitos da população estrangeira residente, refletindo que são também as nacionalidades estrangeiras com estruturas etárias mais completas em virtude de serem mais antigas no país e, por isso, com maior expressão de indivíduos com mais de 65 anos. Em 2013 cerca de 34,5% dos óbitos de população com nacionalidade estrangeira residente em Portugal ocorridos foram de nacionais da União Europeia, ainda assim menos 2,5 pontos percentuais do que o verificado em 2011 e com uma taxa de variação de -10,8%. Nesse grupo destacam-se os cidadãos do Reino Unido, Espanha e Alemanha que em 2013 representaram 20,0%, 19,4% e 18,8%, respetivamente do total de óbitos de cidadãos da união europeia. Por sua vez, os nacionais dos PALOP em 2013 representaram igualmente 34,5% do total de óbitos da população estrangeira, embora no seu caso se tenha verificado um aumento dos óbitos em mais 1,8 pontos percentuais (por comparação a 2011) e uma taxa de variação de +1,1%. Nesse grupo destacam-se os nacionais de Cabo Verde que representaram em 2013 mais de metade (53,1%) dos óbitos dos cidadãos dos PALOP residentes em Portugal, seguidos dos angolanos (18,6%) e guineenses



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

(17,3%), o que reflete as populações imigrantes mais antigas no país e, assim, com uma estrutura etária mais completa.

A taxa bruta de mortalidade, apesar de não isolar o efeito das estruturas etárias diferenciadas das populações de nacionalidade portuguesa e estrangeira, permite aferir a existência de diferenças em função da nacionalidade no que toca à mortalidade. Em 2013, a população de nacionalidade estrangeira registou menor taxa de mortalidade (3,3%) que a população de nacionalidade portuguesa (10,5%). No entanto, tal como a taxa de natalidade, também a taxa de mortalidade é influenciada pela estrutura etária de uma dada população, ou seja, se a população de nacionalidade portuguesa é mais envelhecida que a população de nacionalidade estrangeira é expectável que apresente taxas de mortalidade superiores.

Taxas brutas de mortalidade* das populações de nacionalidade portuguesa e estrangeira, em 2013

	Portuguesa	Estrangeira
Taxa Bruta de Mortalidade %	10,5	3,3

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas e Estimativas Anuais da População Residente (cálculos e elaboração de [Oliveira e Gomes, 2016: 43](#)).

Notas: *Número de óbitos por cada 1000 habitantes na população residente no ano de referência.

Para mais detalhes acerca destes dados consultar a [Coleção Imigração em Números](#) deste Observatório, nomeadamente o [Relatório Estatístico Decenal de 2014](#) (Oliveira e Gomes, 2014), cap.1, pp.29-30 e o cap.3, pp.51-62, bem como o [Relatório Estatístico Anual de 2016](#) (Oliveira e Gomes, 2016), cap. 1, pp. 33-46. Também na área Compilações Estatísticas do sítio do OM consultar dados estatísticos acerca dos [Indicadores Demográficos](#).



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

Sabia que nos últimos anos diminuíram os casamentos mistos (entre portugueses e estrangeiros) em Portugal?

Em 2015, realizaram-se em Portugal 32.393 casamentos, mais 915 que em 2014 e menos 3.642 que em 2011. Desde o início desta década, nota-se uma quebra no número de casamentos na ordem dos 10,1%. Do total de casamentos celebrados em 2015, 85,1% foram casamentos entre cidadãos portugueses, 3,3% casamentos entre cidadãos estrangeiros e 11,6% corresponderam a casamentos mistos, ou seja, entre cônjuge português e cônjuge estrangeiro.

Mantendo a tendência da década anterior ([Oliveira e Gomes, 2014](#)), nos últimos anos os casamentos entre portugueses têm diminuído substancialmente: entre 2011 e 2015 verificam-se menos 3.500 casamentos, correspondentes a uma taxa de variação de -11,3%, mantendo-se assim a tendência da última década (entre 2001 e 2011 os casamentos entre portugueses diminuíram em 47,8%) embora de forma menos acentuada. Já os casamentos entre estrangeiros mantêm a tendência de crescimento da década anterior, tendo aumentado entre 2011 e 2015 cerca de 34,3%, embora a evolução seja também bastante menos expressiva (entre 2001 e 2012 tinham aumentado os casamentos entre estrangeiros em 255,8%).

Casamentos celebrados em Portugal: total, entre portugueses, entre estrangeiros e casamentos mistos, entre 2011 e 2015

Ano	Total		Mistos					
	N	%	Entre portugueses		(um cônjuge português e outro estrangeiro)		Entre estrangeiros	
	N	%	N	%	N	%	N	%
2011	36.035	100	31.073	86,2	4.175	11,6	787	2,2
2012	34.423	100	29.410	85,4	4.216	12,2	797	2,3
2013	31.998	100	27.422	85,7	3.809	11,9	767	2,4
2014	31.478	100	27.068	86,0	3.554	11,3	856	2,7
2015	32.393	100	27.573	85,1	3.763	11,6	1057	3,3
Variação (%) 2011-2015	-10,1		-11,3		-9,9		+34,3	

Fonte: INE – Estatísticas Demográficas (atualização de [Oliveira e Gomes, 2016: 44](#))

Contrastando, porém, com a tendência da década anterior (detalhada em [Oliveira e Gomes, 2014](#)), nos últimos anos os casamentos mistos (entre portugueses e estrangeiros) diminuíram: menos 412 casamentos do que o observado em 2011 e uma taxa de variação de -9,9%. Esta diminuição no número de casamentos mistos contraria a evolução observada na década anterior, na qual se verificou um aumento de 123% desses casamentos entre 2001 e 2011, em resultado do crescimento global da população estrangeira residente em Portugal. A explicação para esta inversão de tendência reside, em parte, no decréscimo global da população estrangeira residente em Portugal, observada desde 2010.

A leitura dos dados estatísticos referentes aos casamentos mistos deve, contudo, considerar alguns aspetos enquadradores. Os casamentos mistos podem esconder, na realidade, algumas situações de casamentos



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt

entre naturais do estrangeiro, ou seja, entre indivíduos estrangeiros e “novos” cidadãos portugueses - estrangeiros que adquiriram entretanto a nacionalidade portuguesa (Oliveira e Gomes, 2014: 61). Mantendo a tendência da década anterior, verifica-se que tanto em 2014 como em 2015 a maioria dos casamentos mistos ocorreram entre um cônjuge português e um nacional de país terceiro (84,7% em 2014 e 83,8% em 2015). Os casamentos entre portugueses e cidadãos da União Europeia obtêm menores percentagens (15,3% em 2014 e 16,2% em 2015, respetivamente).

Casamentos mistos celebrados em Portugal segundo a nacionalidade do cônjuge estrangeiro, em 2014 e 2015

Ano	Total de casamentos mistos		Um cônjuge português e outro estrangeiro intra-UE (27)		Um cônjuge português e outro estrangeiro extra-UE (27)	
	N	%	N	%	N	%
2014	3.554	100	544	15,3	3.010	84,7
2015	3.763	100	608	16,2	3.155	83,8

Fonte: INE – Estatísticas Demográficas (atualização de Oliveira e Gomes, 2016: 44)

Adicionalmente relativamente aos casamentos importa ter em conta que, à semelhança do verificado para os nascimentos e os óbitos, os seus valores refletem a estrutura etária de uma dada população, sendo certo que a população de nacionalidade estrangeira apresenta uma maior concentração de efetivos nas idades “matrimoniais”. A influência da estrutura etária pode ser atenuada com o cálculo da taxa de nupcialidade, que relaciona o número de casamentos celebrados com a população residente com idades entre os 15 e os 49 anos (Oliveira e Gomes, 2016: 45). Em 2014 e 2015 a taxa de nupcialidade dos estrangeiros revela-se superior em mais do dobro da taxa de nupcialidade dos portugueses, o que significa que mesmo isolando os efeitos da estrutura etária a população de nacionalidade estrangeira mostra níveis de nupcialidade superiores aos da população de nacionalidade portuguesa.

Taxa de nupcialidade geral* das populações de nacionalidade portuguesa e estrangeira, em 2014 e 2015 (em permilagem)

	2014		2015	
	Portuguesa	Estrangeira	Portuguesa	Estrangeira
Taxa de nupcialidade geral %	6,9	16,3	7,2	18,5

Fonte: INE - Estatísticas Demográficas e Estimativas Anuais da População Residente (atualização de Oliveira e Gomes, 2016: 44).

Nota: *Número de casamentos por cada 1000 residentes com idades compreendidas entre os 15 e 49 anos.

Para mais detalhes acerca destes dados consultar a [Coleção Imigração em Números](#) deste Observatório, nomeadamente o [Relatório Estatístico Decenal de 2014](#) (Oliveira e Gomes, 2014), cap.1, pp.29-30 e o cap.3, pp.51-62, bem como o [Relatório Estatístico Anual de 2016](#) (Oliveira e Gomes, 2016), cap. 1, pp. 33-46. Também na área Compilações Estatísticas do sítio do OM consultar dados estatísticos acerca dos [Indicadores Demográficos](#).